



A INFORMAÇÃO CONTÁBIL PARA GESTÃO DE MICRO EMPRESAS: limitações e desafios

Mauro José Rodrigues¹

Rodrigo Luís Lopes

Willian Santos de Andrade Carlos

Orientador: Profa. Dra. Marinês Santana Justo Smith

Resumo: retorno sobre o investimento, a expansão e a perenidade é o foco principal de toda organização consoante ao valor do seu ativo, da receita bruta e ao regime de tributação. As Microempresas (ME's) são relevantes na participação no PIB e fomentação da geração de emprego. Todavia, apesar de serem empresas que apresentam baixo grau de investimentos, estas estão sob pressão constante quer seja por capital limitado, concorrência ou ineficiência na gestão, condição que a coloca frente a maior vulnerabilidade e às oscilações do mercado. A continuidade das instituições bem como a utilização das informações estratégicas são linhas paralelas e diretamente proporcionais e a ideia de se gerir sem informações estratégicas é algo inconcebível e de grande risco gerencial na atual conjuntura econômica. A contabilidade nesse contexto apresenta uma estrutura que subsidia a tomada de decisão dos gestores de qualquer empresa independente do seu tamanho, devendo ser uma das principais fontes de informações estratégicas a ser utilizada na gestão dessas instituições, pois são dados essenciais para a projeção de futuras ações. Estimular a formação de uma inteligência organizacional, implementar uma cultura organizacional e informacional torna-se preponderante para a sobrevivência e eficiência dessas instituições. A mudança de mentalidade dos gestores faz-se necessária diante das novas exigências impostas pela globalização, na qual a empresa que define estratégias baseada em informações tempestivas e fidedignas aumentam a chance de êxito. Diante do exposto, entendemos que a utilização de informações para gerar projeções, o conhecimento da saúde financeira das instituições tem relação direta à sua perenidade e o seu crescimento no mercado onde atuam. E que, a utilização de ferramentas como o Balance Scorecard (BSC) associado às práticas contábeis aplicáveis podem causar impacto na eficiência e desempenho da organização na elaboração e alcance das metas e estratégias. Todavia, é conhecido as limitações das MEs na geração e controle de informações contábeis. A partir deste contexto questiona-se qual o grau de dificuldade em se aplicar os princípios de contabilidade no contexto das MEs pelos profissionais na geração da informação contábil? E como estas informações contábeis são valorizadas e utilizadas para a eficiência e longevidade das operações das MEs pelos seus gestores? Diante do proposto, o objetivo geral é, conhecer o ambiente das MES no tocante ao relacionamento entre empresa e contador para a transformação de dados administrativos em informação contábil apropriada para

¹ Alunos regularmente matriculados no 7º semestre de Ciências Contábeis – noturno- do *Uni-Facef Centro Universitário de Franca*.



tomada decisões no cotidiano das MEs. Para tanto, inicialmente será realizada uma pesquisa bibliográfica dos assuntos pertinentes e em seguida, para conhecer a realidade empresarial, será realizada uma pesquisa de campo junto às micro empresas e os contadores da cidade de Franca/SP. A partir da discussão dos assuntos abordados foi possível conhecer a real dificuldade em se aplicar os princípios de contabilidade, principalmente o da competência e da entidade no contexto das MEs, dificultando o nível de entendimento e uso da informação contábil para gestão.

INTRODUÇÃO

O retorno sobre o investimento, a expansão e a perenidade é o foco principal de toda organização independente do valor do seu ativo, receita bruta ou regime de tributação. As micro empresas (ME's) são hoje uma potência nos quesitos participação no PIB e fomentação do equilíbrio e igualdade social mas, por serem empresas que apresentam baixo grau de investimentos estão sob pressão constante quer por capital limitado, concorrência ou déficit na gestão demonstrando maior vulnerabilidade às oscilações do mercado. A continuidade das instituições bem como a utilização das informações estratégicas são linhas paralelas e diretamente proporcionais e a ideia de se gerir sem informações estratégicas é algo inconcebível e de grande risco gerencial.

A contabilidade nesse contexto apresenta uma estrutura que subsidia a tomada de decisão por parte dos gestores de qualquer empresa independente do seu tamanho; como uma das principais fontes de informações estratégicas deve ser utilizada na gestão dessas instituições. São dados essenciais para a projeção de futuras ações. Estimular a formação de uma inteligência organizacional, implementar uma cultura organizacional e informacional torne-se preponderante para a sobrevivência dessas instituições e torna-las mais eficientes. A mudança de mentalidade dos gestores faz-se necessária diante das novas exigências impostas pela globalização, a empresa que define estratégias baseada em informações tempestivas e fidedignas apresenta grande chance de êxito.



Para tanto é necessário utilizar os meios disponíveis de pesquisas bibliográficas sobre o assunto e também realizar estudo de caso junto as micro empresas e os contadores da cidade de Franca/SP. Esta pesquisa será utilizada para corroborar as conclusões.

Diante do exposto observa-se a estreita relação entre a utilização de informações para gerar projeções, o conhecimento da saúde financeira das instituições, sua perenidade e o seu crescimento no mercado onde atuam. A importância da utilização de ferramentas como o Balance Scorecard (BSC) associado às práticas contábeis aplicáveis é sem dúvida de extrema relevância para uma gestão profissional e focada no desempenho da organização e alcance das metas estabelecidas.

A partir deste contexto questiona-se qual o grau de dificuldade em se aplicar os princípios de contabilidade nas operações das MEs pelos profissionais de contabilidade na geração da informação contábil (Demonstrações Contábeis)? E como estas informações contábeis são valorizadas e utilizadas para a eficiência e longevidade das operações das MEs pelos seus gestores?

Diante do proposto o objetivo geral é, conhecer o ambiente das MES no tocante ao relacionamento entre empresa e contador para a transformação de dados administrativos em informação contábil apropriada para tomada decisões no cotidiano das MEs.

Como objetivos específicos com propósito de alcançar o objetivo geral proposto têm-se:

- Apresentar o ambiente das MEs – os aspectos jurídicos para sua constituição, os administrativos para sua manutenção e permanência no mercado e a cultura informacional em relação ao estabelecimento de prioridades no tocante a informações para tomada de decisão.

- Discutir a importância da informação e os princípios da contabilidade na construção da Informação Contábil como controle e meio de mensuração da riqueza patrimonial para geração de conhecimento e apoio gerencial no cotidiano e a formação de uma inteligência estratégica das ME's.



- Destacar as habilidades necessárias ao profissional da contabilidade em contextos de mercado competitivo e de adoção das normas internacionais de contabilidade.
- Identificar através do estudo de caso, perfil do contador, perfil do gestor das MEs; as dificuldades da aplicação dos princípios da contabilidade, nível do acompanhamento prestado pelo contador, relacionamento entre contador e MEs, a cultura informacional de contador e MEs; nível de entendimento e uso da informação contábil para gestão.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E INFORMACIONAL DAS MICRO EMPRESAS

A participação das micro empresas na economia é representativa e não pode ser ignorada, a riqueza gerada por elas é de extrema importância para a estabilidade econômica do país e segundo o IBGE, o PIB brasileiro em 2014 fechou em R\$ 5,52 trilhões. Considerando um cenário igual à 2011, referente a participação das ME's no PIB, não ocorrendo variação nesse percentual de participação o valor chegaria à casa de R\$ 1,49 trilhões. Os números impressionam e justificam a importância econômica dessas instituições.

Em 1985, o IBGE calculou em 21% a participação dos pequenos negócios no PIB brasileiro. Como não havia uma atualização desse indicador desde então, o Sebrae contratou a Fundação Getúlio Vargas para avaliar a evolução das micro e pequenas empresas na economia brasileira, com a mesma metodologia utilizada anteriormente. Em 2001, o percentual cresceu para 23,2% e, em 2011, atingiu 27%. As micro e pequenas empresas são as principais geradoras de riqueza no Comércio no Brasil, já que respondem por 53,4% do PIB deste setor. No PIB da Indústria, a participação das micro e pequenas (22,5%) já se aproxima das médias empresas (24,5%). E no setor de Serviços, mais de um terço da produção nacional (36,3%) têm origem nos pequenos negócios (EXAME, 2014).

A função social é outra característica importantíssima e que deve ser levada em consideração: segundo Dal'Bó (2010), essas entidades são responsáveis pela absorção de 52,3% da mão de obra formal. O perfil da mão de obra absorvida pelas ME's segundo pesquisa do SEBRAE (2012) é, jovens entre 30 a 39 anos, com nível de instrução secundário e a faixa salarial entre 1 a 1,5 salários. A atuação



como agente fomentador do equilíbrio social é também inquestionável ainda segundo Dal'Bó (2010), “ O Brasil está muito bem e a micro e pequena empresa é a principal mola impulsadora da redução das desigualdades sociais”. Diante do exposto vê-se a importância e a harmonia social promovida pelas ME's pois, indivíduos que não se encaixam nos padrões das grandes corporações poderiam estar excluídos do mercado de trabalho ao invés de serem economicamente ativos.

As micro empresas foram instituídas pela Lei Complementar 123/2006 e segundo o Portal Brasil, micro empresa é aquela que fatura até R\$360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) por ano. O critério do número de empregados é outro parâmetro utilizado para definir uma ME, mas não será utilizado para esse estudo. O formato concebido pelo governo para a tributação destas organizações, tendo como base o faturamento anual, constitui-se em uma estrutura simples, cuja principal característica destacada são todos os tributos incluídos em uma única guia com uma alíquota diferenciada e a redução das obrigações acessórias. Atualmente as micro empresas são obrigadas ao envio anual de informações eletronicamente. Com a entrada em vigor do protocolo 91 de 30 de setembro de 2013 a EFD (Escrituração Fiscal Digital), passa a ser obrigatória e mensal, o que sinaliza que essas instituições estarão em breve participando dos vários projetos SPED (Sistema Público de Escrituração Digital) do governo e essa obrigatoriedade passa a valer a partir do ano de 2016.

Junto à simplicidade fiscal vinculou-se o mito de que as ME's estão dispensadas de ter contabilidade, mas o Código Civil Brasileiro Lei 10.406/2002 art. 1.179 determina que, “O empresário e a sociedade empresária são obrigados a seguir um sistema de contabilidade [...] e a levantar anualmente o balanço patrimonial e o de resultado econômico”. Por meio da ITG 1000 o Conselho Federal de Contabilidade determinou toda a estrutura dos demonstrativos contábeis que serão emitidos no que se refere às micro empresas. A obrigatoriedade da contabilidade pela lei para qualquer instituição é algo pacificado.

Conforme Hendriksen e Breda (2007, p. 39), a evolução sofrida pela Contabilidade no século XIII e XIV, na Itália, se deu diante da necessidade de controle por parte das empresas. É inconcebível em pleno século XXI existirem



empresas que tentam sobreviver às intempéries do mercado sem utilizar a informação contábil/financeira gerada pela contabilidade para o controle, mensuração e planejamento. Segundo Matias e Lopes Júnior (2003, p. 6), “[...], a má administração é responsável por mais de 90% dos fracassos”. Independente do valor nominal apurado ou do porte de uma instituição a utilização dos relatórios financeiros é essencial para a boa administração da entidade visando a continuidade do negócio.

[...] são apresentadas principalmente como empresas que habitualmente utilizam-se do trabalho do próprio gestor ou de familiares; não se utilizam do apoio de empresas especializadas como consultorias; exercem uma administração muito informal, pouco especializada, que confunde comumente recursos pessoais e da empresa; possuem uma relação muito forte entre o proprietário e os empregados, cliente e fornecedores; não buscam novos negócios em ambientes incertos, procuram oportunidade em segmentos já estabelecidos e conseqüentemente de alta competitividade; exigem rápidos retornos aos investimentos realizados; e, por último, possuem dirigentes contumazes na busca de metas econômicas e financeiras, [...] (COLMENERO, 2015, p. 6).

A simplicidade organizacional, fiscal e o mito da isenção de uma escrita contábil leva muitos gestores das ME's negligenciarem a importância dos demonstrativos financeiros e não estabelecerem estratégias baseadas nas informações geradas pelo seu negócio comprometendo uma tomada de decisões baseada em informações pertinentes ao desempenho da organização.

Nas pequenas empresas, o tempo que os seus dirigentes dedicam ao planejamento pode até mesmo ser considerado nulo. [...] O planejamento existente costuma ser informal e sigiloso, pois fica na mente do dirigente que acha irrelevante e considera uma perda de tempo discuti-lo ou coloca-lo no papel. [...] a falta de conhecimento de técnicas matemáticas e a tendência do pequeno empresário de confiar mais no seu feeling do que em números [...] (MATIAS E LOPES JÚNIOR, 2002, p. 54).

As ME's apresentam características bem peculiares, em geral apresentam uma administração pouco profissional com seus gestores focados totalmente na parte operacional do negócio. Essa exclusividade dá-se pelo motivo de que o gestor é o executor das operações da entidade reduzindo o tempo gasto no planejamento e aplicação de estratégias ligadas ao desempenho da empresa. A falta de conhecimento de técnicas matemáticas e de planejamento levam estes gestores a confiar somente em sua intuição. No ambiente das ME's algumas práticas



apresentam-se muito nocivas ao desenvolvimento e continuidade do negócio e confrontam diretamente os princípios da Contabilidade como ciência, dentre as mais graves pode-se citar: o princípio da entidade e o princípio do regime de competência o que agrava de forma exponencial a qualidade das informações geradas.

Construindo uma analogia entre o gestor e um general no comando de suas tropas vê-se que o objetivo é o mesmo ou seja, a vitória e a permanência no campo de batalha. Para chegar a esses objetivos uma mente estratégica deve ser implementada e uma cultura organizacional onde a informação é valorizada e tem a importância devida deve fazer parte do dia a dia da administração das ME's.

A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO E DA INTELIGÊNCIA ORGANIZACIONAL

A tomada de decisão não pode ser subsidiada por intuição, a principal aptidão peculiar ao bom administrador é a capacidade de transformar as informações em ações. Os demonstrativos contábil/financeiros possibilitam gerar projeções que podem ser de extrema importância para o alcance das metas estabelecidas, inserido neles estão informações sobre a situação econômica, financeira e patrimonial da instituição que servirão como suporte para as decisões a curto, médio e longo prazo. Ao referir-se à gestão de empresas a primeira palavra a que vem a mente é estratégia, que caracteriza todas as ações tomadas pelo gestor visando a sua sobrevivência e continuidade. Esta palavra está associada à cultura militar e que a séculos é empregada para nomear as ações dos generais no comando de seus exércitos objetivando a vitória em meio a um conflito.

A palavra vem do grego: *stratêgós*: de *stratos* (exército) e *ago* (liderança). O significado original caracterizava a "arte do general", que deixou de estar ao lado do exército para estar à distância, no alto das colinas, de onde podia observar o campo, adquirindo um maior potencial para selecionar a melhor posição e o melhor conjunto de ações para vencer a batalha [...] (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO 2016).

Conhecimento, informação, tática e estratégia são hoje palavras presentes no mundo das corporações e negócios. Ter informação e estar em uma



posição mais alta que os demais e confere ao seu detentor o poder sobre a situação seja no campo de batalha seja mercado onde atuam as empresas.

Agora, se as estimações realizadas antes da batalha indicam vitória, é porque os cálculos cuidadosamente realizados mostram que tuas condições são mais favoráveis que as condições do inimigo; se indicam derrota, é porque mostram que as condições favoráveis para a batalha são menores. Com uma avaliação cuidadosa, podes vencer; sem ela, não podes. Menos oportunidades de vitória terá aquele que não realiza cálculos em absoluto (SUN TZU, 2016).

Ao analisar um conflito militar e a luta pelo mercado travado pelas empresas constata-se a inexistência de diferença, exceto pelas baixas, sendo a disputa pela sobrevivência idêntica. Segundo Sun Tzu (2016), é impossível haver vitórias se não houver planejamento, e completando esse pensamento pode-se dizer que, não existe planejamento se não houver informação e não haverá informação se não houver dados. “Os negócios, a exemplo da guerra, são um embate de vontades, dinâmico e acelerado, baseado na moral e nas máquinas, lidando com o uso efetivo e eficaz de recursos escassos [...]” (MCNEILLY, 1998, p. 15). Os conflitos bélicos e o mundo dos negócios confundem-se e neste cenário a produção e a disponibilização dos dados são tão importantes quanto a transformação desses dados em informações. Dados distorcidos gerarão informações distorcidas, o que provocará projeção e estratégia também distorcida diante de uma determinada situação.

A valorização da informação e a formulação de estratégias devem ser práticas incentivadas e fomentadas dentro das ME's de forma que se tornem parte da cultura da organização. Considerar a informação como um ativo é o primeiro passo para a implantar a visão de uma cultura informacional dentro da instituição. “O benefício econômico futuro embutido em um ativo é o seu potencial em contribuir, direta ou indiretamente, para o fluxo de caixa ou equivalentes de caixa para a entidade” (CPC 00, 2011, p. 17). A informação é intangível mas o benefício futuro é incontestável, a alavancagem promovida pela informação potencializa os recursos operacionais da entidade o que é um benefício econômico futuro obtido que acarretará um incremento no fluxo de caixa e equivalentes de caixa.

Sendo a informação o ingrediente vital dos ativos informacionais todos esses atributos pertinentes a ela devem igualmente ser atribuídos aos ativos



informacionais, assim como esses atributos podem alavancar outros em conformidade com o contexto das atividades das organizações, da necessidade informacional dos grupos de interesses (SMITH, 2013, p.105).

O conhecimento estratégico é a soma de todas as informações existentes e sua transformação em ação efetiva, e esta informação deve ser considerada como um ativo da instituição. Conforme Tarapanoff (2001, p. 36), [...]“a informação constitui a principal matéria prima, um insumo comparável a energia que alimenta um sistema”. A construção de uma cultura informacional inicia-se com o processo contínuo de gerar informações e emprega-las no desenvolvimento de estratégias, uma visão a ser implementada em qualquer tipo de empresa com intuito de utilizar de forma eficiente todos os recursos disponíveis e colocando a instituição em posição preeminente no mercado.

Entende-se que, a partir da geração e atualização de ativos informacionais em intervalos regulares, é possível gerar conhecimento de forma contínua para subsidiar o processo de tomada de decisões na administração financeira das PME (SMITH, 2013, p. 19).

Concomitantemente a partir do início das operações de uma organização se dará a produção de dados, como esses dados são tratados é o que determinará se as informações geradas serão a base para projeções de ações estratégicas. Esta produção dos dados independe da vontade do gestor pois, dentro da instituição existem diversos setores como: recursos humanos, financeiro, faturamento, produção, fiscal, dentre outros. Todos estes setores produzem um tipo de dado, fazer um link entre esses dados e transforma-los em informações é uma decisão do gestor. Nesse ponto se faz presente a cultura organizacional e a cultura informacional determinando o nível de importância dedicado ao tema, a visão do gestor impressa no cerne da entidade é que dita qual o valor as táticas e estratégias terão para o atingimento dos objetivos traçados.

Transformar estes dados em informações objetivas, compreensivas e tempestivas é de suma importância para o sucesso da contabilidade dentro da gestão empresarial e as particularidades devem ser respeitadas pois, cada empresa tem sua especificidade. “Uma empresa sem uma boa contabilidade é como um barco, em alto mar, sem bússola” Marion (2006, p. 26), a ausência de informações



torna a instituição passiva aos percalços e frágil quando sob pressão. A sobrevivência não é algo intrínseco ao tamanho ou valor absoluto alcançado pela instituição, a sobrevivência é a necessidade da continuidade de todo negócio.

A necessidade de desenvolver sistemas, assimilar e entender informações presentes no ambiente em que as instituições estão inseridas é um fator preponderante e necessário para o bom desempenho econômico e financeiro. Segundo Tarapanoff (2001, p. 45) “Composta de diversos tipos de informação [...] a inteligência competitiva é um processo sistemático que transforma pedaços esparsos de dados em conhecimento estratégico”. Sem valor é a ação sobre dados desconectados, mesmo que indivíduos inteligentes e com alta performance intelectual estejam trabalhando para uma mesma corporação se não ocorrer o link entre esses dados o resultado não será satisfatório. A sistematização e o compartilhamento é o que permite a evolução dos dados para a informação e da informação para a inteligência estratégica.

Segundo Matarazzo (2007), os dados não provocam reação no leitor ou ouvinte, já a informação provoca reação ou decisão e está ligada ao efeito surpresa. A contabilidade por meio dos relatórios financeiros mostra onde a organização estava, onde ela está e onde estará se os padrões detectados continuarem os mesmos. Com essas informações em mãos os gestores irão modificar, corrigir ou manter o curso traçado. Nessa perspectiva é que a contabilidade trabalha para demonstrar a realidade financeira e econômica da empresa por meio dos relatórios contábil/financeiros, sendo que a qualidade desses relatórios dependerá de dois pontos basilares que são: os dados fornecidos como substrato e o tratamento aplicado aos dados.

A partir deste contexto que coloca a informação contábil em nível estratégico é relevante destacar que a contabilidade é uma Ciência Social que tem como objeto o estudo e controle do Patrimônio das Entidades, para tanto os princípios da contabilidade se apresentam como normas gerais delimitadoras da aplicação da Ciência Contábil e, portanto, da promoção de informação de qualidade. Um dos benefícios de sua aplicação é a possibilidade de comparabilidade dos registros contábeis dos fatos administrativos de diferentes empresas, tornando



informação mais precisa para a correta mensuração da riqueza patrimonial, necessária à arrecadação de impostos, à defesa dos interesses da coletividade e dos próprios sócios e acionistas para tomada de decisões a partir de informações de qualidade.

A importância de uma amplitude maior a ser adotada pela contabilidade é defendida por Kaplan (1997), segundo ele a informação tem um valor maior que os ativos tangíveis. Dentro desse pensamento deduz-se que quanto mais apuradas forem as informações pertencentes a uma instituição maior valor de mercado ela possui. Dentro desse contexto o referendo autor, critica veementemente a situação estática da contabilidade tradicional e aponta um novo rumo a ser tomado pelas instituições e sua proposta é, a junção de uma contabilidade dinâmica e versátil focada no desempenho econômico e financeiro aliado a uma matriz de informações pertinentes ao negócio.

Ainda de acordo com o autor, a integração de processos, valorização do conhecimento dos colaboradores, olhar para o futuro e a aproximação dos clientes e fornecedores são pontos básicos para o sucesso das empresas do século XX mas, mesmo referindo-se ao século XX suas teorias são atuais e totalmente aplicáveis às empresas do século XXI.

Uma contabilidade focada somente em fatos passados não supri a necessidade de informação para subsidiar decisões, outra situação complexa que ocorre no Brasil é um sistema que sobrecarrega os contadores de obrigações tributárias e acessórias desvirtuando o foco principal da contabilidade que é o usuário final, e não somente o governo. As informações de caráter contábil/financeiro são de grande impacto no tocante a longevidade das instituições e seus efeitos podem ser potencializados se juntamente for incorporado à instituição uma ferramenta como o Balanced Scorecard. Quebra de paradigmas e a criação de um ambiente favorável à utilização da informação, não somente dentro das grandes corporações, mas também dentro das ME's, terá uma importância singular para instituições do século XXI onde sobreviver no mercado implica ter a melhor estratégia, derrotar o oponente e expandir.

O PERFIL DO CONTADOR DO SÉCULO XXI



Nos últimos anos a própria evolução e o embate entre as empresas pela sobrevivência e conseqüentemente uma fatia maior e mais expressiva do mercado tem compelido o contador a uma mudança de perfil e atitude, o que leva a crer em novos tempos e em uma nova perspectiva do ponto de vista do desempenho da profissão e sua interação com o meio onde atua, pois, novos padrões de qualificação e postura profissional será exigida.

[...], o profissional da contabilidade deixou de se dedicar exclusivamente à elaboração da documentação contábil exigida pela legislação e passou a assumir um novo papel, o de responsável pelas informações referentes à saúde financeira da empresa [...] (REVISTA CRCSP, 2015, p. 5).

Detentor de informações estratégicas o contador passa a ter uma importância singular no planejamento e a apuração de impostos passa a ser secundária diante da atual conjuntura. A capacidade de analisar dados e transformá-los em informações tornou-se função obrigatória pois, como cientista contábil deve utilizar todo o seu *Know-how e expertise* objetivando colocar a organização para a qual trabalha em posição de vantagem diante do mercado e dos concorrentes. O perfil do profissional contábil da atualidade deve ser: capacitado, proativo, íntegro, comunicativo, compreender a sistemática econômico-financeira, política e social, em nível local, regional e até mesmo internacional. É primordial o entendimento dos aspectos técnicos dos negócios, estando constantemente atualizado e alinhado com as estratégias estruturadas pela empresa para a qual irá prestar os serviços de assessoria e ou consultoria. O julgamento profissional passa ser o grande atributo exigido.

Esta nova função exige não apenas o domínio completo dos dados contábeis e financeiros e dos softwares necessários para realizar a apuração destas informações, mas também a atuação integrada com todos os setores da empresa, em especial com os cargos mais gerenciais, como o advogado e o administrador (REVISTA CRCSP, 2015, p. 5).

A nova postura do profissional o posiciona como responsável pelas informações financeiras e da saúde da instituição, o anteriormente denominado guarda-livros não deve existir mais, o novo profissional é arrojado e detentor de



conhecimentos imprescindíveis para a boa gestão e criação de estratégias, visando crescimento e fortalecimento da empresa. A visão predominante deve ser a busca incessante para estar um passo a frente e isso significa a diferença entre a vitória e a derrota no campo de batalha. O gestor de informações, que é o cientista contábil, deve estar atento a todas as nuances que possam apresentar a possibilidade que representa alguma vantagem. Uma visão holística é necessária para um perfeito sincronismo com gestor, o pensamento de um estrategista militar é o ideal para o profissional contábil da atualidade. O efeito surpresa descrito por Matarazzo (2007) tem um ponto de partida principal que são as demonstrações financeiras geradas pela contabilidade baseada em seus princípios científicos e respeitando a particularidade de cada usuário sendo que, agregadas a essas informações tem-se outras pertinentes aos clientes, fornecedores e pessoal interno que representam base para a tomada de decisão.

O profissional contábil precisa ser visto como um comunicador de informações essenciais à tomada de decisões, pois a habilidade em avaliar fatos passados, perceber o presente e prever eventos futuros pode ser compreendido como fator preponderante ao sucesso empresarial (SILVA, 2003, p. 3).

A própria evolução incumbe-se de fazer a seleção natural, a necessidade de evoluir conforme o mercado e a tendência é mais forte que a estagnação, hoje o profissional contábil vê-se em uma encruzilhada onde de um lado é a continuidade de uma filosofia fadada à extinção ou assumir uma posição de vanguarda antecipando e trazendo à tona temas relevantes para as corporações. “O ambiente da era da informação, tanto para as organizações do setor de produção quanto para o setor de serviço, exige novas capacidades para assegurar o sucesso competitivo.” (KAPLAN, 1997, p. 3). Antecipar significa ter o conhecimento de causa, visão, estar a frente, ter domínio e entender a informação produzida, conhecer o mercado onde está inserido, o profissional contábil deve ter conhecimento de mercado, finanças, economia, sistemas de informação e estratégias. Ser um estrategista é conseguir reunir todo esse conhecimento em prol de um único objetivo que é sobreviver e prosperar.



A transformação começa com a formação acadêmica do curso de Ciências Contábeis com o foco voltado para a produção informações, análise e estruturação de ações estratégicas e não somente em nível micro mas principalmente em nível macro econômico. Sepultar de vez a imagem de um profissional passivo, responsável apenas pelos impostos e preso a fatos do passado no lugar de olhar para o futuro. Conforme Mcneilly (1998), o General deve estar sempre em um campo superior para ter o domínio da situação e ter a capacidade e o discernimento da melhor tática, ao lado desse general devem existir conselheiros e um desses lugares está reservado ao contador. Segundo Smith (2013), enquanto a informação contábil tradicional não agrega valor às ações das instituições, dentro de uma nova ótica da evolução da tecnologia de informação, as áreas que produzem informações devem se adequar a nova realidade fornecendo uma base sólida com informações pertinentes para a tomada de decisão. Nesse sentido Smith (2013), reforça a necessidade do contador adotar uma nova postura diante de uma nova era de informações inserida hoje no seio da sociedade.

A responsabilidade que está sobre os ombros do cientista contábil é imensa e pode definir o futuro de uma instituição, o sucesso e o fracasso estão diretamente ligados ao empenho e desempenho do profissional. Segundo a Revista CRCSP (2015, p. 6), “Os riscos inerentes à atividade Contábil não são poucos e podem trazer consequências prejudiciais para toda a organização quando ela não é desempenhada de forma adequada”. Estar atento aos fatos e circunstâncias, lembrar sempre que não há descanso na guerra travada constantemente pelas empresas e a rapidez de transformação do ambiente pode significar uma mudança completa de estratégia causando a obsolescência das informações de posse da entidade naquele momento.

Dentro do universo das ME's têm-se outros agravantes sendo que uma delas é o despreparo do gestor focado apenas na atividade operacional e aliado a esse característica a displicência de alguns profissionais contábeis gera uma falta de perspectiva quanto a criação de uma cultura informacional dentro dessas instituições. O contador assimilar os conceitos de cultura organizacional e informacional é decisivo para essa pratica ser difundida dentro das ME's visto que,



ele será o agente de mudança que provocará a metamorfose na forma de pensar dos micro empreendedores.

Hoje para os gestores das ME's, o contador, muitas vezes pode ser considerado apenas um funcionário do governo, quando sua função se resume apenas em enviar mensalmente a guia para pagamento do imposto devido. Entretanto conforme Hendriksen e Breda (2007), os objetivos do gestor e do contador é que determinam como serão conduzidas as práticas contábeis, sejam financeiras ou fiscais, dependendo do enfoque, os resultados serão diferentes. A necessidade de que este paradigma seja quebrado é imensa, pois como profundo conhecedor do negócio pelo qual está responsável, o profissional tem a obrigação moral de prestar assessoria, criando uma cultura informacional e um vínculo direto com o gestor da empresa para a qual ele presta serviço.

Diferentemente das empresas com maior envergadura, as ME's não podem se dar ao luxo de usufruir de uma contabilidade interna onde, o contador sempre presente orienta a melhor ação. Por outro lado o ideal para o contador seria prestar serviço para um número reduzido de clientes podendo assim prestar um serviço diferenciado. No entanto a realidade tanto das ME's quanto dos contadores que prestam serviço de assessoria para as ME's não é a ideal necessitando de uma adaptação de ambas as partes, de um lado os contadores como agentes que implementarão uma cultura voltada à prática de utilização da informação como base para tomada de decisão e do outro as ME's como usuários da informação, abertas a uma nova realidade onde o valor das informações pode superar o valor dos ativos pois, alavancam e potencializam a capacidade operacional da corporação provocando uma maior inserção no mercado.

O aviltamento de honorários pode ser uma das causas desse fraco desempenho referente à assessoria que deveria ser prestada, há a necessidade de um grande número de clientes dos quais o profissional recebe um pequeno honorário é uma das causas desse frágil vínculo entre empresário e contador. A mudança de cultura é um ponto que acarretará grande dispêndio de energia e recursos e cabe ao profissional contábil criar uma conexão entre as ME's e a informação estratégica. Deve ser considerado como um investimento de longo prazo



pois, ao sentir o benefício da aplicação das informações no planejamento de ações futuras da instituição o empresário entenderá o incomensurável valor da construção de estratégias e vinculará a informação contábil ao sucesso alcançado por sua instituição. Como empresário e estrategista o profissional contábil deve possuir uma visão voltada para o futuro do seu próprio negócio, ao auxiliar os gestores das empresas para as quais ele presta serviço estará promovendo a longevidade e a continuidade de sua própria instituição.

Neste contexto o contador será o catalisador e ao mesmo tempo o conselheiro do General no campo de batalha, participará não como coadjuvante, mas sim como um dos principais agentes fomentadores do crescimento e do desenvolvimento das ME's e para isso deve estar imbuído de todo conhecimento necessário para atuar como tal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória a importância de uma gestão baseada em informações fidedignas e que coloquem a instituição em uma posição de vantagem no mercado. O ato de gerir embasado em informações traz grandes benefícios e mitiga os riscos, sem uma base para subsidiar as decisões o gestor pode ser comparado a um piloto em um avião sem visibilidade e sem instrumentos. Modificar a cultura hoje existente dentro das ME's é importantíssimo e representa a sobrevivência e o crescimento de milhões de instituições que se enquadram nessa característica.

Uma cultura em que a estruturação de procedimentos, a segregação de funções e onde a informação é valorizada e utilizada como diferencial no momento da tomada de decisão, deve ser o novo escopo das ME's no Brasil. Essa mudança de mentalidade trará grandes alterações no mercado, mudará radicalmente a economia das ME's e ratificará a já conhecida excelência dos demonstrativos gerados pela contabilidade e ferramentas como o BSC (Balanced Scorecard). Neste processo o profissional contábil deve assumir uma posição de vanguarda trazendo inovações e soluções pertinentes aos problemas de seus clientes, assumindo também uma posição como estrategista que domina e tem conhecimento suficiente para estabelecer um apoio confiável ao gestor que necessita de uma base sólida para apoiar sua decisão.

Foi realizado um pré teste para confirmar ou não as questões levantadas pela pesquisa bibliográfica, nesse pré teste foi entrevistado o gestor de uma micro empresa do ramo calçadista estabelecida na cidade de Franca e um profissional contábil também estabelecido em Franca. O questionário foi elaborado com a supervisão do orientador e buscou abranger todos os temas relevantes abordados na pesquisa.

Diante do resultado verificou-se a corroboração existente entre as questões levantadas pela pesquisa bibliográfica e as respostas dos entrevistados, o qual ficou clara a cultura organizacional e informacional adotada pelas ME's e pelo



profissional contábil. De acordo com as respostas a ME é gerida e operada pelo fundador, familiares são a maior parte da mão de obra, o gestor possui conhecimento contábil classificado como baixo, faz planejamento, mas não por meio das informações contábil/financeiras confiando somente no seu *feeling*, seu contato com o profissional contábil é mínimo e o contador não participa ou auxilia na estruturação de estratégias. O contador por sua vez em suas respostas deixou clara a dificuldade de se cumprir o princípio contábil da competência e o princípio contábil da entidade, devido a cultura instalada dentro das ME's, o que impacta diretamente na veracidade dos relatórios gerados e remete ao paradigma de uma contabilidade voltada única e exclusivamente a cumprir obrigações legais em detrimento das informações gerencias.

É proposto um modelo em que a instituição se torne o principal usuário das informações, a cultura organizacional seja o pilar para uma estrutura baseada em fatos ao invés de suposições e que se desenvolva uma metodologia focada nas especificidades das ME's atendendo plenamente sua demanda por informações suficientes e adequadas à suas operações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002. Código civil brasileiro.

BRASIL. Protocolo 91 de 30 de setembro de 2013.

COLMENERO, Márcio Roberto Paz. *O conhecimento organizacional e a cultura nas micro e pequenas empresas – MPE's*. 2015. UESP.

COMITE DE PRONUCIAMENTOS CONTÁBEIS. CPC 00. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/CPC/DocumentosEmitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=80>>. Acesso em 13 mar. 2016.

DAL`BÓ, Reginaldo André. *A importância das micro e pequenas empresas para a economia*. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/a-importancia-das-micro-e-pequenas-empresas-para-a-economia-do-pais/48688/>>. Acesso em 21 jun. 2014.



EMPRESAS: Limitações e desafios

DICIONÁRIO ETMLÓGICO. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/estrategia/>>. Acesso em 19 mar. 2016.

EXAME.COM. *Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil*. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/pme/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil>>. Acesso em 14 jun. 2015.

HENDRIKSEN, Eldon S.; BREDÁ, Michael F. Van. *Teoria da contabilidade*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

IBGE. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/pt/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2857&busca=1&t=2014-pib-varia-0-1-totaliza-r-5-52-trilhoes>>. Acesso em 14 jun. 2015.

KAPLAN, Robert S. Norton, David P. *A estratégia em ação*. 19. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MARION, José Carlos. *Contabilidade básica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MATARAZZO, Dante C. *Análise financeira de balanços*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MATIAS, Alberto Borges; LOPES JÚNIOR, Fábio. *Administração financeira nas empresas de pequeno porte*. São Paulo: Manole, 2002.

MCNEILLY, Mark. *Sun Tzu e a arte dos negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PORTAL BRASIL. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/08/simples-nacional-reduz-a-burocracia-e-ajuda-o-empresario>>. Acesso em 25 jan. 2016.

REVISTA CRCSP, São Paulo, 3. ed. dez 2015.

SEBRAE. Estudo mostra perfil dos empregados das pequenas empresas. Disponível em: <<http://sebraemgcomvoce.com.br/2012/01/31/estudo-mostra-perfil-dos-empregados-das-pequenas-empresas/>>. Acesso em 14 jun. 2015.

SILVA, Lázaro Rosa da; BRITO, Valmir Bezerra de. *O novo código civil para contadores*. 2. ed. São Paulo: IOB, 2003.

SMITH, Marinês Santana Justo. *A cultura informacional como alicerce de gestão contábil nas pequenas e médias empresas*. Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2013.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/artedaguerra.pdf>>. Acesso em 15 Jan. 2016.



TARAPANOFF, Kira. *Inteligência organizacional e competitiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.